

## A Grande Contaminação

JOSÉ M. DA SILVA

— E qual a situação nos demais paralelos? — indagou Pax-1.

— Bastante complicada — respondeu Aux-13. — De todos os sessenta e nove paralelos, a doença já se espalhou por quarenta e quatro, com a mesma ou maior gravidade do que acontece no Paralelo 1.

— Isso é inadmissível — disse Pax-1, bastante irritado. — É sempre este mundo que causa os maiores problemas ao cinturão.

— Com perdão por interromper, senhor — interpôs Aux-5. — Isso não causa surpresa; o Paralelo 1 é o mais atrasado de todos.

— Verdade — concordou Pax-1. — Mas já era tempo de terem aprendido algo, ao menos sobre a influência e os efeitos que uma pessoa tem sobre outra.

Depois de alguns momentos de silêncio, Pax-1 prosseguiu.

— De qualquer modo, o que interessa agora é o que fazer. Aux-3, por favor, convoque o Conselho para amanhã de manhã. Vamos decidir que medidas tomar. E com ur-

do uma aparente contradição, explicada pela Física dos Mundos Paralelos (FMP), disciplina obviamente ainda fora do domínio de P-1.

Com os sessenta e oito representantes reunidos, teve início a reunião, presidida por Pax-1, do Paralelo 69, o Conselheiro-mor, que disse:

— Agradeço a presença de todos. Esta reunião foi convocada para tentarmos equacionar os problemas causados — mais uma vez — pelo Paralelo 1.

Após murmúrios generalizados de desaprovação, Pax-1 prosseguiu:

— Como todos sabem, o mundo Paralelo 1 nunca deixou de causar problemas. Seu histórico decepcionante — guerras, doenças, atraso científico, apego exagerado ao sobrenatural, sentimentalismo exacerbado, violência, desumanidade, racismo, desrespeito às diferenças, exploração desenfreada do meio ambiente, desmatamento, má utilização dos recursos naturais, luta indiscriminada por poder e dinheiro, além da concentração injustificável de riquezas — não deixou que o mundo evoluísse até um nível mínimo aceitável para interação com os demais mundos do cinturão.

Fez uma pausa e prosseguiu:

gência.

O Conselho de Acompanhamento está localizado no Paralelo 69, o mais avançado de todos. Constitui-se de representantes de todos os mundos que formam o Cinturão de Paralelos, exceto do Paralelo 1, este sempre recusado por não satisfazer os níveis mínimos de progresso e segurança para ingresso no grupo. O P-69 é o responsável por lidar com os problemas que surgem em todos os mundos, sendo P-1 o mais complicado, por ser o único que ainda não desenvolveu a capacidade de comunicação intermundos. Qualquer contato precisa ser realizado da maneira mais antiga, ou seja, através de viagens que envolvem presença física, algo já superado há milênios.

Além disso, as linhas temporais que acompanham os diferentes mundos são diferentes; com isso, o tempo — que em si já é um conceito obsoleto — passa de maneira diferente nos sessenta e nove mundos paralelos. Isso deixa P-1 milênios atrasado em relação ao P-69, centenas de anos atrasado em relação ao P-30, por exemplo, e meses ou anos atrasado em relação a paralelos mais próximos a P-1. Embora os mundos sejam “paralelos”, tal paralelismo não vale para tudo, constituin-

213

— Não podemos eliminá-lo, pois o cinturão de mundos paralelos necessita de todos os mundos para sua existência; tal eliminação, embora possível, e até simples em teoria, traria malefícios para os sessenta e oito mundos restantes. Além disso, a destruição de mundos é terminantemente proibida pela Carta de Paz do Cinturão. Podemos isolá-lo fisicamente, o que também nos traria problemas, mas bem menos do que sua hipotética destruição. Por fim, podemos interferir, como fizemos de outras vezes. Esta última alternativa é dispendiosa, envolve a presença física de membros da comunidade, leva tempo, não resolve os problemas futuros, mas pode ser a única viável. Convoco agora a conselheira Pax-2 para expor o problema atual em mais detalhes, para podermos decidir o que fazer.

Pax-2, uma das conselheiras mais experientes e respeitadas de todo o Cinturão, tomou a palavra.

— Agradeço a oportunidade e passo imediatamente aos fatos. Além de tudo já relatado, a situação teve grande piora com a recente epidemia de Covid-19, doença causada por um vírus que afetou o Paralelo 1 globalmente em forma de pandemia. Por favor,

214

215

vejam seus teledispositivos para os detalhes. Lá, mais de seis milhões de pessoas morreram até o momento. Em alguns países, a causa foi a pobreza extrema e a falta de cuidados médicos. No entanto, mesmo nestes locais, o problema original foi a falta de investimentos em saúde e no bem-estar das populações — em poucas palavras, total falta de planejamento e puro egocentrismo. Para exemplificar, vacinas foram desenvolvidas logo no início da pandemia, mas não foram adquiridas por razões ideológicas, em alguns lugares, ou por razões econômicas, em outros. Mais uma vez, retornamos ao egocentrismo e aos interesses escusos que comandam os governos do Paralelo 1.

Diversos representantes pediram a palavra, mas Pax-2 preferiu continuar, antes dos apertes.

— Em relação ao ocorrido, não há nada a fazer. O mundo já enterrou seus mortos, embora a pandemia não tenha terminado e diversas medidas anteriormente tomadas tenham sido precocemente suspensas. O problema é maior. O vírus — da família do coronavírus, para ser mais exata — já se encontra em outros mundos, principalmente aqueles mais próximos de P-1. As últimas atualizações dão

conta de que já atingiu P-10. Evidentemente, todos estamos bem mais avançados do que o Paralelo 1. Com isso, os estragos foram menores, mas em todos os mundos perdemos muitos cidadãos que não precisavam ter perecido por culpa de P-1.

Mais uma pausa, e Pax-2 terminou sua exposição.

— Nossa tarefa é dupla: primeiramente, descobrir como interromper a contaminação; em segundo lugar, decidir o que fazer com P-1, sempre causador de problemas. Deixo a todos as deliberações.

Após quase uma hora de discussões acaloradas, decidiram todos por duas medidas a serem implementadas: uma imediatamente e outra tão logo a situação fosse controlada. Seriam enviadas equipes multidisciplinares ao Paralelo 1 para tentar minimizar os danos nos países mais atingidos pela epidemia e, com isso, a contaminação dos demais mundos do cinturão. Tão logo os resultados de tal missão fossem atingidos, haveria nova reunião para decidir a punição a ser aplicada ao Paralelo 1, dado que suas inconseqüência e rebeldia já haviam passado dos limites.

Pax-1 resumiu a tarefa:

— Fica decidido o envio de cinquenta equipes ao Paralelo 1, sob o comando de Cient-13. O comboio parte amanhã. Determino que Cient-13 lidere a missão e registre em detalhes tudo que acontecer.

O baixo nível de evolução do Paralelo 1 não o deixava perceber que qualquer ação em seu mundo tinha repercussões em todos os demais, qual ondulações na superfície de um lago. A despreocupação com o meio ambiente, explorado unicamente em prol de interesses político-econômicos, ainda não fizera os habitantes de P-1 perceberem os malefícios causados em seu próprio mundo no presente e no futuro, sem falar dos demais paralelos, dos quais não tinham conhecimento, em parte, devido a seu nível tecnológico insipiente, em parte, devido à mescla de ciência e religião, ainda vigente na maior parte daquele mundo. Com isso, alguns fenômenos reais percebidos por alguns poucos não eram estudados a fundo por, supostamente, pertencerem a uma esfera sobrenatural.

As equipes foram teleportadas no dia seguinte. À minha, a equipe principal e líder da missão, tocou um país no hemisfério sul, país este que vinha se deteriorando, a exem-

plo de muitos outros, a olhos vistos nas últimas décadas. Entre seus problemas estavam des-caso com a natureza, má distribuição de renda, péssima gestão econômica, elevados índices de violência, massacre dos povos originários, homofobia, misoginia, racismo, ideologias retrógradas, péssima administração em todos os níveis de governo. Tudo isso, aliado a péssimas condições de saúde física e emocional dos cidadãos, retardou a imunização dos cidadãos durante a pandemia de coronavírus. Os habitantes do Paralelo 1 ainda não estavam conscientes da consequência de comportamentos e sentimentos nocivos. Simplificadamente, pois isso é da alçada da FMP, as emoções transcendem o corpo humano, transformando-se em formas de radiação propagadas no entorno e, quando intensas e em grande quantidade, chegam aos mundos paralelos, por conseguinte, a seus habitantes. Daí o perigo representado por mundos menos evoluídos.

Devido às Leis de Não Interferência, sempre que entramos em um mundo paralelo, ficamos muito limitados. No caso do Paralelo 1, a preocupação é menor, pois os habitantes não conseguem nos ver; eles ainda não dominam a tecnologia intermundos. O assunto é bastante

complicado, mas, em linhas gerais, é preciso tecnologia avançada, treinamento e muita prática para empreender viagens intermundos. Quem não domina esses aspectos não conseguia ver os visitantes; no máximo, percebe algumas sombras, que não consegue identificar, movendo-se rapidamente.

Por tudo isso, nossa tarefa principal não envolvia, em princípio, contato direto com os habitantes do Paralelo 1 — sim, tal contato é possível — mas deveríamos nos concentrar nos planos divisórios entre o Paralelo 1 e os demais, por meio da criação de uma barreira espaço-temporal intermundos. Assim, talvez impedíssemos a maior disseminação do vírus para os demais paralelos.

Ao fim de alguns dias de trabalho intenso, conseguimos blindar as interfaces interparalelos contra a disseminação do coronavírus. O que estava feito naquele mundo era irreversível; a contaminação dos demais paralelos, tampouco. No entanto, conseguimos aplicar interfaces de proteção para evitar futura propagação, de comum acordo com os demais paralelos.

Em tese, nossa equipe estava pronta para retornar. Nossa missão prioritária esta-

va terminada. Ou estaria, se um evento inesperado não ocorresse.

Estávamos em meio aos preparativos finais para retornar a nosso paralelo em dois dias, quando os computadores de nossa central identificaram leituras fora do padrão. Algumas das variações diziam respeito à situação geofísica do planeta, outras a alterações no clima, e ainda outras à atmosfera. Inicialmente, cogitou-se de alguma falha repentina no núcleo do planeta, o que foi descartado após alguns testes. Pensou-se, a seguir, em algum fator externo vindo de outro paralelo, o que também foi rejeitado após análises intermundos. Restava apenas uma ação humana, mas, dadas a enorme proporção e extensão geográfica do problema, ninguém no Paralelo 1 teria conhecimento e habilidade suficientes para executar tal projeto. Continuávamos no escuro. Fomos obrigados a solicitar mais tempo de permanência, após relatar os inconvenientes a Pax-1.

Reenviamos os membros da equipe aos locais onde tinham operado, de modo a verificar não só o trabalho que haviam realizado, mas também se novas condições se apresentavam. Dois dias depois, as notícias não eram animadoras. Detectou-se o que nos-

Em tese, nossa equipe estava pronta para retornar. Nossa missão prioritária esta-

so cientistas chamam de “pontos plasmáticos” em diversos pontos do globo. Pontos plasmáticos, no jargão científico, significam pontos que podem gerar instabilidade na estrutura do planeta; simplificada, são pontos que, em teoria, podem causar terremotos, maremotos, tsunamis, explosões e até, no limite, a destruição completa do planeta. Também foram detectados “pontos sutis”, ou seja, locais idênticos sensíveis, mas que, ativados, afetam a atmosfera, o que pode causar a morte da fauna, da flora, a contaminação de rios e mares, e, evidentemente, dos seres humanos. Em resumo, o globo estava pontilhado, em toda sua extensão, de gatilhos que, uma vez acionados, destruiriam todo o planeta em poucas horas.

As dúvidas agora eram: onde estavam estes pontos; como neutralizar essas verdadeiras bombas de destruição; de quanto tempo dispúnhamos antes de entrarem em operação; e quem ou o que as “plantara”.

A primeira questão era de fácil resolução, mas a resposta foi alarmante, pois, em poucas horas, mapeamos todos os pontos sensíveis e descobrimos o que era quase impossível: o número de pontos estava na casa dos milhões, todos espalhados pela superfície

do planeta e no leito de rios e mares. Os locais estavam identificados, mas a dificuldade era como chegar até eles; além disso, quem poderia executar a tarefa, ou melhor, quantas pessoas seriam necessárias. A segunda questão também foi facilmente respondida: após estudar os pontos sensíveis, detectamos que eram construídos de material inexistente no Paralelo 1; com isso, era preciso atingir os pontos com armas nucleares de destruição, as únicas eficazes em tal situação. A terceira pergunta era crucial para qualquer projeto de ação, mas precisávamos de mais tempo para chegar a alguma conclusão, e tempo neste caso era algo que provavelmente não tínhamos. A última pergunta poderia ficar para depois.

Por meio de uma técnica especial, nosso equipamento analisou a constituição de um daqueles pontos sensíveis. O resultado foi uma verdadeira surpresa para todos: os artefatos presentes em tais pontos continham em seu núcleo ativo uma variante extremamente letal do coronavírus, o mesmo vírus responsável pela pandemia no Paralelo 1. Ainda não sabíamos se a variante era um desenvolvimento natural do vírus ou se fora manipulada artificialmente. Qualquer que fosse a origem, alguém

a colocara no núcleo dos artefatos, o que certamente não fora obra de nenhum habitante daquele planeta, por estar demais atrasado tecnologicamente para tal feito. A engenharia genética desenvolvida era digna de nota: a variante tinha alto poder biológico de destruição e fora acoplada a um verdadeiro "coquetel" de explosivos químicos. O resultado era altamente letal: a explosão do artefato destruiria tudo em um raio de centenas de quilômetros, liberando a variante do vírus, que, no que lhe concerne, aniquilaria qualquer ser no mesmo raio.

Uma nova descoberta, embora preocupante, apresentava um vislumbre de solução para o problema. As análises demonstraram que muitos pontos estavam interligados, ou melhor, havia uma espécie de "constelações" de pontos sensíveis, cada uma composta de pontos interligados, o que facilitaria seu acionamento — e sua destruição. A conclusão era óbvia: se inutilizássemos um ponto, todos os pontos a ele conectados seriam, dizia a teoria, inutilizados. Imediatamente, começamos a mapear as constelações. Em um dia, chegamos a um total de cinquenta constelações simetricamente distribuídas.

Considerando-se a complexidade

eram poucos. Primeiramente, uma só pessoa não conseguiria executar o plano; precisaria de ajuda. Em segundo lugar, tal pessoa deveria possuir avançado conhecimento científico para planejar e/ou executar o plano. Por fim, a mente por trás de tudo não poderia ser de P-1, embora pudesse estar lá. A conclusão era óbvia: tínhamos alguém infiltrado em nossa equipe, ou agindo por conta própria, ou a mando de alguém. Não só isso: para executar o tal plano, quem quer que se tivesse infiltrado precisaria de auxílio; provavelmente, tratava-se de uma rede.

Finalmente, nossos técnicos e cientistas conseguiram desvelar todo o plano. Fora extremamente bem arquitetado nos mínimos detalhes. Como já sabíamos, todos os núcleos ativos estavam unidos entre si em constelações. Descobrimos que, em cada uma dessas constelações, havia o que decidimos chamar "ponto quente"; tratava-se de uma espécie de detonador, responsável por iniciar a destruição dos demais pontos e, conseqüentemente, de toda a constelação. Esses pontos quentes emitiam uma radiação característica, e não foi difícil identificar todos eles. A única incógnita era como esses pontos quentes seriam acio-

do problema, avançávamos rapidamente, mas ainda não sabíamos de quanto tempo dispúnhamos. Quem plantara os artefatos certamente tinha um plano determinado, que obviamente era a explosão de todos eles. Como isso seria feito e a partir de onde, não sabíamos; tampouco sabíamos quanto tempo se passaria antes de o plano de destruição ser deslançado. O acionamento dos artefatos seria realizado no local ou remotamente. Na primeira hipótese, seriam necessárias cinquenta pessoas ou drones; na segunda, seriam necessários dois ou três satélites em órbita, de maneira que um artefato de cada constelação fosse atingido ao mesmo tempo. Tão logo chegamos a esta conclusão, começamos a vasculhar a terra, o mar e o espaço, procurando possíveis pontos de lançamento de algum tipo de emissor. Nossos técnicos, paralelamente, tentavam determinar a maneira correta de neutralizar os artefatos sem destruí-los.

Enquanto todos da equipe trabalhavam intensamente na solução do problema, eu tentava identificar quem criara tal plano. Se conseguisse resolver essa parte do enigma, talvez conseguíssemos agir mais rápida e eficazmente. Os dados que possuía até então

nados. Os estudos concluíram que não existia nenhum tipo de acionamento possível pela terra ou pela água, o que nos deixava com uma única alternativa: o acionamento seria feito de cima. A questão era saber se viria de dentro da atmosfera do planeta ou de fora. Varremos todo o setor e nada encontramos. O comando teria de vir de outro planeta, ou pior, de algum ponto em qualquer lugar do cosmos.

Não havia tempo para evacuação dos habitantes do planeta nem para desarmar todos os pontos. Para salvaguardar nossa equipe, determinei que deixássemos o planeta e continuássemos trabalhando a distância. Naquele momento, concluímos que dificilmente poderíamos proteger o planeta e seus habitantes, mas continuaríamos tentando. Rumamos para o Paralelo 65, onde podíamos contar com a ajuda de alguns especialistas, por ser este paralelo bem mais desenvolvido do que o Paralelo 69. As simulações não apontaram perigo, caso o planeta que deixamos explodisse. Na verdade, o plano fora tão bem elaborado que nem o Paralelo 2 seria atingido. Estaríamos seguros, mas era uma grande decepção para todos não poder fazer nada para evitar o desastre. A impotência fez nascer um sentimento

que não experimentávamos fazia muito tempo: ódio. A constatação de que havia alguém por trás de tudo aquilo, aliada à possibilidade — quase uma certeza — de que um ou uma de nós fosse responsável por tudo, fez com que surgisse a desconfiança; olhávamos uns aos outros com suspeita, com medo.

Eu tinha avançado em minhas investigações e, exceto se estivesse redondamente equivocado, já sabia de quem era a autoria do plano. Só havia na equipe duas pessoas com o conhecimento exigido para executar aquilo: uma delas era eu, que, por óbvio, não fazia parte de tal projeto. Decidi testar minha teoria convocando a minha célula privada a pessoa que supunha estar por trás dos acontecimentos.

Cient-17 entrou e tomou assento na poltrona de frente para a minha, do outro lado da sala. Uma excelente cientista, reconhecida e premiada em diversos paralelos. Naquele momento, duvidei de minhas suspeitas. Não era plausível que tamanho talento se rebaixasse a tanto. De qualquer forma, prossegui com o que me determinara a fazer. Talvez pudesse colher alguma informação vital para minimizar os estragos no planeta. Isso, bem entendido,

228

como se avaliasse cuidadosamente suas palavras. Por fim, disse:

— Isso é obra dos Mitos.

A princípio, não entendi com exatidão o que ela dissera. Tão logo compreendi, reagi de maneira intempestiva.

— Os Mitos? Isso é uma lenda urbana. Uma teoria da conspiração. Não acredito que você possa mencionar uma coisa dessas em um momento como este. Está brincando comigo?

Sua resposta foi imediata.

— Entendo seu ceticismo, mas você está enganado: não se trata de lenda ou de teoria. Não neste caso. Eles são um grupo de pessoas inconformadas com a maneira como o Conselho vem conduzindo diversos aspectos da vida nos paralelos. Estão espalhados por todos os planetas do Cinturão. Na verdade, aproveitam-se da aura de lenda que lhes foi atribuída ao longo dos séculos para se organizarem sem que ninguém saiba de sua existência ou de seus planos.

Cient-13 ainda não conseguia acreditar estar ouvindo tudo aquilo, ainda mais vindo de Cient-17. Ninguém acreditava na existência do tal grupo. Para uns, era pura inven-

230

se eu estivesse correto em minhas suposições.

— Desculpe chamá-la aqui, mas o teor de nossa conversa deve ser mantido em sigilo por enquanto — disse eu, à guisa de introdução.

— Compreendo, mas não sei em que eu poderia ajudar — comentou ela.

— Você é uma de nossas melhores cientistas. Certamente, está acompanhando o desenrolar de nossa missão e sabe o que está para acontecer no Paralelo 69. Ainda tenho esperança de que algo novo se apresente a tempo, não de salvar o planeta — acho isso impossível neste ponto — mas de reduzir os danos, especialmente para os habitantes.

— Estou a par de tudo — reconheceu. — Pelo que sei, não há mais nada a fazer. É lamentável, mas não vejo solução.

— Já sabemos que tudo isso foi arquitetado por alguém — provoquei. — Tem alguma ideia?

Ela demorou alguns segundos para responder.

— Tenho sim, mas você não acreditaria.

— Diga, por favor — insisti.

Aguardou mais alguns momentos,

229

cionice. Para outros, era real, mas ninguém sabia de onde vinha, onde agia, nem seus propósitos. No passado, foi levado a sério por algum tempo, e as forças policiais prenderam diversos supostos membros em alguns paralelos, mas, como nada foi provado, todos foram soltos após curta batalha judicial; a existência da organização voltou a sua condição de elaborada ficção.

— Você não pode estar falando sério — concluiu Cient-13, ligeiramente irritado.

— Você tem todo o direito de não acreditar em mim, mas é um fato que se tornará conhecido muito em breve. E mais: o que está acontecendo no Paralelo 69 é produto de anos de planejamento e do envolvimento de centenas de pessoas em mais de dez paralelos.

— E qual seria o objetivo disso tudo, supondo que eu acredite no que está me dizendo? — inquiriu Cient-13 interessadamente.

Cient-17 respirou fundo e respondeu.

— Faz tempo que o Paralelo 69 vem extrapolando além do aceitável, devido a seu comportamento inadequado. Você sabe muito bem disso. E nada foi feito. O Conselho fechou os olhos, todos os paralelos fecharam os olhos.

231

Até que a recente pandemia que tentamos combater ultrapassou os limites da tolerância. Foi a gota d'água para que os Mitos deslanchassem o plano que já era elaborado fazia tempo. O Paralelo 69 precisava ser punido de maneira exemplar. Além disso, não poderia continuar a transmitir suas doenças e péssimas influências ao resto do universo. Algo precisava ser feito. E foi.

Cient-13, contra a vontade, começava a ver sentido em suas palavras. O que ela descrevia era plausível, mas ele ainda não conseguia relacionar os eventos recentes a um grupo que, para ele e para todos, parecia mero produto da imaginação coletiva. Perguntou:

— Vamos supor que o que você diz seja verdade. Como você sabe de tudo isso?

A resposta dela veio rápida e avassaladora.

— Porque sou membro do grupo.

Cient-13 precisou de alguns segundos para processar a revelação. O pior de tudo é que fazia sentido. Olhou para ela e sentiu nele seu olhar tranquilo e firme. Foi ali que teve a certeza: ela não só falava a verdade, mas também era indubitavelmente a infiltrada. Ficou sem palavras por alguns momentos, e ela

232

diversos mundos do Cinturão. Como já disse, mereceram o castigo.

— Você é um monstro — sacramentou Cient-13, após alguns momentos de reflexão.

— Talvez seja, mas acredito piamente nas causas que defendo — rebateu ela. — Vivo em função de minhas opiniões.

— Isso não é opinião; é visão de mundo — enfureceu-se Cient-13. — Suas ações definem quem você é e como pensa, como você encara o mundo, a vida e as pessoas. Você é cruel, desprovida de sentimentos, fria, calculista e completamente insensível. O problema é que pessoas como você não percebem isso — seu egoísmo prevalece sobre as noções mais básicas de humanidade.

— Isso é o que você pensa — argumentou ela, segura de si.

— Não, não é! É o que qualquer ser humano com o mínimo de coerência e decência pensa. Milênios atrás, você seria a própria definição de fascista, palavra que achei que jamais usaria, que estaria confinada aos livros de História.

— Você tem o direito de ter sua opinião — insistiu C-17. — E eu, a minha. Liberdade

234

retomou a conversa.

— Por que não liga seu terminal vídeo fônico e seleciona a visão panorâmica do Paralelo 69? Já começou.

Automaticamente, obedeceu. Afundou mais na poltrona com o impacto das imagens. Luzes pipocavam por toda a superfície do planeta. Melhorou a imagem e compreendeu: eram explosões. O processo de destruição começara. Ampliando o zoom, já era possível observar rachaduras na superfície, o início de terremotos e maremotos.

— Eu disse que não havia mais solução — disse ela, com certa satisfação na voz. — Por outro lado, eles mereceram.

— Como pode dizer isso tão calmamente? — indagou ele, inconformado. — Bilhões de pessoas inocentes vão morrer!

— É verdade — constatou ela, serenamente. — Mas é para um bem maior. É para o bem de todo o universo. Esse planeta era uma praga, com seu subdesenvolvimento humano, material e emocional. Sua estupidez causou a morte de uma infinidade de pessoas ao longo dos séculos; agora, foi o responsável não só pela proliferação da pandemia de coronavírus, mas também pela contaminação de

233

de expressão, como prega a Carta de Paz do Cinturão, que você conhece muito bem, suponho.

— Vou repetir: isso não é questão de opinião — revoltou-se C-13, colérico, levantando-se da poltrona. — E não se trata de liberdade de expressão; liberdade de expressão não se aplica à defesa de um genocídio como o que está em curso no Paralelo 1, não se aplica a atitudes radicais em nome de ideologias que não são endossadas pela maioria das populações dos paralelos. Além disso, um grupelho de dissidentes não pode se colocar acima de mundos inteiros, de todo o Cinturão, principalmente sem discussão, sem julgamento segundo as leis vigentes.

— Cada um acredita no que quer — disse ela. — Tenho certeza de que defendo o que é certo.

— O que você e seu grupo minoritário radical acham que é o certo — corrigiu ele, sentando-se novamente.

— Discordo — contrapôs ela, ajeitando-se na cadeira. — Você acha que somos radicais, mas você não é o dono da verdade. E mais: milhares de pessoas em todos os paralelos estão ao nosso lado, só que você não

235

sabe disso, porque jamais deu importância a nosso grupo. Nunca fomos ouvidos. Sempre fomos considerados uma lenda urbana, motivo de chacota. Se é para encontrar culpados, não seriam vocês, todos que nos ignoraram e perseguiram?

— É escusado argumentar com você e gente que compartilha dessa visão perniciosa — encerrou ele. — E você deve saber que não vai ficar impune. Esta conversa está gravada e está sendo transmitida em tempo real a Pax-1. Assim que deixar esta sala, será presa para ser julgada conforme nossas leis.

— Acho que você está equivocado — contestou Cient-17. — Vamos por partes: primeiramente, esta conversa não está sendo gravada nem transmitida, devido a este dispositivo. — Apontou para seu relógio. — Este é um inibidor de dados. Nada do que foi dito aqui dentro foi registrado e muito menos transmitido. Em segundo lugar, vou ficar impune, sim, porque não serei presa e muito menos julgada, considerando-se que este encontro jamais existiu.

— Tenho autoridade para prendê-la — alegou Cient-13. — E posso testemunhar contra você.

236

— Poderia — disse ela. — Caso estivesse vivo.

Ao dizer isso, retirou uma pistola quântica de sua bolsa e a apontou para a cabeça de C-13, que, incrédulo, não conseguia se mover nem articular nenhum som. Evidentemente, ela não sabia que o local era protegido contra inibidores. Ou seja, tropas interplanetárias já deviam estar a caminho. Quase sorriu, sarcástico, ao pensar que os tais Mitos ainda precisavam aprender muito. Como todos os radicais em todas as épocas, tinham conhecimento, dinheiro e tecnologia, mas, por serem arrogantes, acabavam falhando.

— Últimas palavras? — perguntou ela, levantando-se.

Ante seu silêncio, aproximou-se e comandou em voz alta, olhando para a porta:

— Entrem.

Dois policiais entraram e fecharam a porta atrás de si.

— Acho que não; é compreensível — prosseguiu ela. — Nestes seus últimos momentos, console-se sabendo que o coronavírus está controlado e que o pior mundo de nosso cinturão está eliminado. Ah, e saiba que desenvolvi a variante mortal do vírus e desenhei todo

237

o plano. Obrigada pelos cumprimentos. E agora, até nunca mais.

Cient-13 sentiu o impacto da descarga quântica e, tivesse sobrevivido, lembraria das últimas cenas que viu na tela: pedaços do Paralelo 69 espalhados em meio à poeira e a uma fumaça multicolor que envolviam o que outrora fora um planeta. Seu pensamento derradeiro foi a constatação de que, por mais desenvolvido um mundo, o ser humano sempre arriscará adotar visões prejudiciais à própria natureza humana. Não se deve menosprezar aquilo que, por mais inócuo e insignificante que pareça de início, pode crescer e se tornar uma arma letal, seja sob a forma de um governante, de uma ideologia ou de um sistema político-econômico. A História universal continha inúmeros exemplos desse perigo. Ele — bem como a grande maioria dos habitantes e líderes do Cinturão — não lhes dera a devida atenção.

Quando a vida por fim o deixou, uma frase proferida milênios atrás cruzou sua mente: "*sic transit gloria mundi.*"



238